

A diáspora árabe recriada: Surgimento e expansão dos periódicos da comunidade sírio-libanesa no Brasil¹

CURI, Guilherme (Mestre em Sociologia)²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Busca-se compreender o surgimento e a expansão da mídia impressa sírio-libanesa no Brasil a partir de um olhar científico comunicacional e assim traçar as linhas a partir das quais estas formas de mediações socioculturais se estruturam. Trata-se de um resgate crítico e analítico da produção de acúmulo teórico e intelectual durante um importante período do desenvolvimento da comunicação social no país e também uma tentativa de discernir como se constituíram as redes de comunicação diaspóricas em nível global, atentando para as produções da imprensa sírio-libanesa migrante.

Constatamos que somente no acervo da Biblioteca Nacional encontra-se vinte e quatro diferentes publicações disponíveis para consulta. Este número representa uma pequena parcela. Calcula-se que foram criados até hoje em todo Brasil pelos imigrantes ou descendentes de sírio-libaneses quase quatrocentos títulos de jornais, revistas, suplementos comemorativos e boletins de notícias.

Palavras-chave: estudos migratórios; ciências da comunicação; história da mídia alternativa; diáspora árabe; sírio-libaneses no Brasil.

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

2. Mestre em Sociologia pela University College Dublin; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional. Integrante do Grupo de Pesquisa Diaspotic
curi.guilherme@gmail.com.

Introdução

O conteúdo de documentos disponíveis sobre as grandes levas imigratórias para o Brasil, principalmente entre as últimas décadas do século XIX e primeira metade do século XX, estimulou o empreendimento desta pesquisa³ na tentativa de discernir como se constituíram as redes de comunicação alternativas produzidas por imigrantes sírio-libaneses⁴ que aqui se estabeleceram a partir deste período, atentando principalmente para a primeira metade do século passado.

Acredita-se assim que compreender a América Latina sem considerar os movimentos migratórios transnacionais e todas as questões relacionadas à memória, identidade e cultura seria uma tarefa impossível. Busca-se desta forma contribuir para um entendimento histórico da diáspora árabe rumo às terras brasileiras - na qual os sírio-libaneses estão inseridos - no sentido de pensarmos a história não como uma sucessão de causas e efeitos, mas como um processo detentor de uma força que produz acontecimentos permeados por suas contradições sociais e culturais, em eterno movimento e diálogo com o presente seguindo a lógica metodológica legada por outros autores como Antonio Gramsci, Carlos Nelson Coutinho, Muniz Sodré e Edward Said.

Como um dos principais exercícios propostos no artigo, o imigrante aqui é observado como produtor de intelectualidade e não como mera força de trabalho ou um problema para a sociedade de chegada, assim como nos chama a atenção Abmalek Sayad (1998). Segundo ele, quem emigra precisa acreditar em sua condição transitória uma vez que terá de abandonar o universo social, econômico, político, cultural ou moral ao qual pertence e aceitar viver num país estrangeiro. Ser estrangeiro e ser imigrado não seriam assim a mesma coisa, pois enquanto a categoria de estrangeiro remete a um estatuto jurídico, a categoria imigrado refere-se a uma condição social com todos os

³ O texto apresentado a seguir é também parte do projeto de pesquisa intitulado “*O Renascimento Nahda passa por Aqui: Literatura e Imprensa Árabe Moderna no Brasil presentes no acervo da Biblioteca Nacional*” subsidiado pelo Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, que teve início em setembro de 2014.

⁴ Optamos inicialmente pelo uso da hifenização sírio-libanês pois, mesmos distintos, no período inicial de imigração, habitavam o mesmo território denominado *Cham* ou Grande Síria, que naquele período era então dominado pelo Império Turco Otomano.

percalços de uma real existência.

Buscamos assim compreender dialeticamente como de fato o imigrante fez uso da imprensa escrita para contrapor estas condições previamente colocadas à ele, recriando histórias e escrevendo suas próprias linhas em um novo mundo.

I. As primeiras rotas migratórias árabe no Brasil

Ao adentrarmos no mar por vezes revolto da imigração árabe na América Latina com atenção especial para o Brasil, observamos que os libaneses e sírios começam a chegar em grande número às vésperas do século XX, vindo a atingir o auge no final do século XIX, quando muitos navios do oriente aportaram nos portos de Santos (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande (RS) com indivíduos que buscavam refazer suas vidas longe do Império Turco-Otomano.

Mais precisamente, a principal época de entrada de sírio-libaneses dá-se na metade final do século XIX, por volta de 1880, quatro anos após a visita de D. Pedro II ao Líbano, que estimulou a vinda de trabalhadores para o Brasil, considerada a grande onda migratória daquela região, composta principalmente por cristãos que buscavam maior liberdade de império regido por leis mulçumanas. Alguns autores, como Amorim (2010), afirmam que a grande maioria dos sírio-libaneses que vieram para cá enfrentavam uma difícil situação econômica, política e religiosa em seus países de origem. Segundo a pesquisadora, em 1861 houve uma grande perseguição de libaneses cristãos na região do Levante (Grande Síria onde hoje estão localizado ambos os países), fazendo com que muitos destes migrassem.

Truzzi (2008) defende que os cristãos emigraram em maior número devido também ao fato de possuírem uma mentalidade mais progressista e menos apegada ao solo do que os mulçumanos. Segundo ele, seria assim possível concluir que, basicamente, a união de fatores econômicos, demográficos e políticos desencadearam a primeira onda migratória (2008:26).

Os primeiros imigrantes empregaram-se como colonos. No entanto, como a maioria deles possuía certa facilidade para o comércio, logo começaram a se deslocar para os centros urbanos mais próximos. E a partir da acumulação de capital por meio da

mascateação, prática de vender produtos manufaturados nas ruas, fez com que circulassem por todo país. Amorim (2010) salienta também que estes imigrantes eram majoritariamente solteiros do sexo masculino.

Isto posto brevemente, faz-se necessário ressaltar que a presença da cultura árabe em todo o continente americano antecede, em vários aspectos, a grande leva migratória inaugurada ao final do século XIX. Sugere-se pensar que desde a chegada dos portugueses e espanhóis a cultura árabe já estaria presente. Khtlab (1999) afirma até mesmo que os fenícios, primeiros habitantes do Líbano e Síria, teriam chegado à América bem antes de Cristóvão Colombo. E nas próprias caravelas de Pedro Álvares Cabral há registros de “árabes- cristãos” a bordo, fato que justifica-se pois as primeiras cartas náuticas foram escritas justamente pelos árabes. Isso sem contarmos com as manifestações na língua portuguesa (muitas palavras no idioma derivam do árabe), na culinária, na arquitetura, nas técnicas agrícolas e de irrigação, na medicina, na música etc.

Tais fatores dão-se também pois os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica, onde está boa parte do território português e espanhol. Segundo o antropólogo John Tofik Karan (2005), “significativamente Granada, o último reduto árabe em solo europeu, foi conquistada pelos cristãos em 1492, no mesmo ano em que Colombo chegava à América”. (2005:65). Como veremos, este é um ponto de extrema relevância para compreendermos a constituição do imigrante árabe no Brasil expressa através das mídias impressas aqui produzidas.

Também por meio de outros vínculos, a cultura árabe já se mostrava presente, como por exemplo através dos africanos mulçumanos malês na Bahia do século XVIII. Tal fato está descrito no recente livro publicado sob o título *Deleite do estrangeiro em tudo que é espantoso e maravilhoso. Estudo de um relato de viagem Bagdali*. Trata-se do relato do imã bagdali, que viajou o Brasil em um navio do Império Otomano na segunda metade do século XIX e descreve a situação dos mulçumanos que viviam no país à época. Al-Baghdádi permaneceu no Brasil aproximadamente três anos, a partir de 1866. Com termos em árabe, turco otomano, francês, grego, português e tupi, o relato descreve essa experiência e ajuda a compreender o processo por meio do qual as autoridades religiosas (neste caso Al-Baghdádi) tentaram promover uma mediação entre o Islã e a realidade cultural afro-brasileira da época.

Coloca-se em discussão pensar que Brasil é muito mais árabe do que realmente imagina-se, algo percebido e reforçado pelos migrantes sírio-libaneses que aqui chegaram através das produções midiáticas impressa como veremos a seguir.

II. Surgimento e expansão da mídia impressa sírio-libanesa

Antes de mergulharmos na discussão cerne do debate proposto, elucidamos mais uma vez que todos os sírio-libaneses que migraram para o Brasil estão inseridos no que chamamos na cultura árabe de diáspora. Algo que vai muito além dos limites políticos e geográficos traçados para delimitar o que o ocidente denomina de Oriente Médio.

Os que aqui chegavam eram chamados de turcos por possuírem passaporte do império turco-otomano. Tal forma de identificação causava grande desconforto em praticamente toda a comunidade migrante sírio-libanesa pelo fato de justamente tentarem escapar de algo que os oprimia e os estigmatizava - um dos fatores-chaves para a compreensão da reconstrução identitária comunitária através dos jornais impressos.

Doravante, ao refletirmos sobre a primeira onda migratória sírio-libanesa no Brasil, percebemos que a mídia então serviria como um dos principais veículos de expressão para a reinvenção e também reafirmação desta nova identidade pretendida na nova terra.

Outro ponto de cunho metodológico que precisa ser ressaltado é que o fato de que boa parte dos dados iniciais deste artigo deriva trabalho do intelectual árabe Jammil Sáfady. Nascido no início do século passado em na região do Levante, Sáfady chegou ao Brasil por volta de 1910 e dedicou-se intensamente ao recolhimento de informações sobre a comunidade sírio-libanesa principalmente no Estado de São Paulo, contribuindo para a criação de um amplo repertório de dados sobre templos religiosos, vida associativa, ensino e imprensa. Sáfady foi também pioneiro ao ministrar cursos livres de árabe na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, onde posteriormente seria desenvolvido o Departamento de Estudos Árabes.

Já o irmão mais novo de Jammil, Jorge, deu sequência ao trabalho, concluindo em 1972 doutorado na USP com a tese “A imigração árabe no Brasil”. Assim, salientamos que as análises a respeito da imprensa árabe foram elaboradas a partir do

cruzamento de títulos de jornais e revistas reunidos na tese de Sáfady, mapeamento bibliográfico na pesquisa que está em andamento na Biblioteca Nacional e coleta de informações fornecidas por historiadores que exploraram a questão.

Isto posto, ao pesquisarmos a produção da imprensa árabe no Brasil nos deparamos com uma expressiva quantidade de materiais publicados em diferentes épocas, desde o final do século XIX até hoje. Somente no acervo da Biblioteca Nacional, vinte e quatro diferentes publicações estão disponíveis para consulta.

Muitos destes exemplares estão incluídos na pesquisa de Sáfady (1972). De acordo com o pesquisador, foram quase quatrocentos títulos de jornais, revistas, suplementos comemorativos, boletins de notícias e etc. criados pelos imigrantes ou descendentes de árabes no Brasil. No estado de São Paulo, reconhecido pelo alto número de descendentes de árabes, assistiu-se à fundação de mais de cem publicações árabe-brasileiras. Já no Rio de Janeiro foram contabilizados sessenta. No Amazonas cinco, no Rio Grande do Sul quatro, no Pará dois e em Minas Gerais uma. Estima-se que mais de 300 jornalistas tenham trabalhado na construção desses veículos e publicações.

O primeiro jornal árabe no Brasil, que durou apenas alguns meses, foi publicado em 1895 na cidade de Campinas- SP com o título de Al-Faihá (A Espaçosa). Um ano após, em 1896 nas cidades portuárias de Santos-SP e Rio de Janeiro -RJ surgem mais publicações. Em 1901 já constavam cinco jornais. Mais de uma década se passa e em 1915 contabilizam-se dezoito periódicos. Muitos destes veículos utilizavam a titulação “Al Brasil” (O Brasil), algo que percebemos como uma tentativa de uma maior integração entre as comunidades na sociedade de destino, uma espécie de ancoragem no solo de acolhimento.

No decorrer das décadas, São Paulo consolida-se definitivamente como principal centro de letras árabes, fato que acontecia paralelamente ao desenvolvimento da imprensa árabe no Rio de Janeiro e no Amazonas, que mesmo que em menor escala, permitiu a formação de uma esfera pública diaspórica que abrange todo o território nacional. Sobre esta proliferação da mídia árabe-brasileira, salientamos um fator chave para compreender a difusão espacial e a capilarização dos jornais imigrantes: a figura do *Ahl al Kacha*, nome árabe que designa o grupo conhecido como “povo da caixa” ou, no nome popular, caixeiros-viajantes e mascates. Para Jorge Sáfady, os jornais publicados

acompanharam o caixeiro-viajante “em suas andanças, estabelecendo-se como uma espécie de escola circulante” (Sáfady apud. Sáfady, 1972, pág. 281), possibilitando assim para que muitos imigrantes de regiões do interior permanecessem informados não só com os acontecimentos do país de origem assim como sobre a vida estrangeira em outras regiões.

Observamos que apesar de São Paulo ser o centro intelectual da diáspora árabe em território brasileiro, a atividade econômica exercida tipicamente pelos imigrantes recém chegados estimulou a progressiva interiorização dos jornais produzidos nas capitais. Sáfady (1972) chega a relatar que um exemplar do jornal árabe “*Abu Haul*” foi encontrado em plena selva amazônica.

Para Lesser (2000:103), fatores como este servem para elucidar que o papel social de tais veículos pode ser considerado ambíguo. Por um lado temos o uso do árabe nas publicações, o destaque à vida associativa e a constante atenção aos acontecimentos políticos do país de origem que contribuem para a manutenção dos laços pré migratórios, de memória, do imaginário; de outro, observamos orientações sobre como se estabelecer no novo ambiente, na nova terra, um estímulo à dinâmica de aculturação.

De qualquer forma, não procuramos aqui estabelecer julgamentos de valor sobre se a imprensa árabe promoveu ou não a integração desses imigrantes. Pelo contrário, acreditamos que a ambiguidade é uma das dimensões constitutivas da trajetória, cujo paradoxo de estar dentro e fora ao mesmo tempo é reivindicado como ferramenta epistemológica central por inúmeros autores que se dedicaram a explorar a forma migrante de estar no mundo (Simmel, 1908; Sayad, 1996, Hall, 2003).

No entanto, parece curioso que uma coletividade seja conhecida pelos reduzidos níveis de letramento e ao mesmo tempo tenha sido capaz de sustentar uma gama tão ampla e culturalmente rica de jornais e revistas. A aparente contradição pode ser destrinchada ao introduzirmos um segundo personagem chave na história da imigração sírio-libanesa: o intelectual árabe.

IV. Recriando diásporas, reafirmando intelectualidades.

Ressalta-se assim que a formação da imprensa sírio-libanesa no Brasil não pode

ser estudada de maneira apartada da própria história da Síria e do Líbano durante os séculos XIX, XX e, obviamente, a sua profunda relação com a história brasileira e todo seu contexto político, social e cultural. Segue-se a lógica metodológica legada por Carlos Nelson Coutinho (2000), o qual observa que só seria possível entender “plenamente os fenômenos artísticos e ideológicos quando estes aparecem relacionados dialeticamente com a totalidade social da qual são, simultaneamente, expressões e momentos constitutivos” (2000:09). Algo semelhante ao que Said (2013) chama de “empreitada intelectual de humanismo”, a qual ele compreende como uma tentativa “de dissolver grilhões forjados pela mente, de modo a ter condições de utilizar histórica e racionalmente o próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento genuíno” (2013:19).

Seguindo estes pressupostos, a análise historiográfica das informações fornecidas por autores como Sáfady (1972) e Truzzi (1997, 2008) nos permitem pensar o florescimento da imprensa árabe no Brasil para além de uma mídia intra- comunitária mas como prolongamento da atmosfera de efervescência e debate característica do renascimento da literatura árabe no mundo, o chamado *Al Nahda*, considerado um dos movimentos culturais mais significativos que estabeleceu novos paradigmas não somente no campos das artes mas também da esfera política do chamado pan-arabismo na primeira metade do século passado.

Em suma, constituiu-se de poetas, ensaístas e jornalistas exilados, conhecidos como escritores *mahjari* (diaspóricos), simultaneamente lidos na continente americano e nos países do Oriente Médio. Os dois principais coletivos eram al-Rabita al-Qalamiyah (A Liga da Caneta), sediada em Nova York, liderada pelo então famoso escritor Khalil Gibran, e al-Usbh al Andalusiyah (A Liga Andaluza), baseada em São Paulo, que reunia nomes um pouco menos conhecidos mas igualmente atuantes como Fawzi Maluf, Rashid Salim al-Khuri e Ilyas Farhat, que motivou a criação da revista “Liga Andaluza de Letras Árabes”, em janeiro de 1933.

Na revista “Liga Andaluza, que durou cerca de quinze anos, eram também traduzidas para a língua árabe obras de importantes autores da literatura brasileira, “de maneira que estes se tornaram populares, conhecidos e apreciados pelos leitores árabes, como o são no Brasil” (Duon, T. 1994, p. 258).

Outro ponto a ser observado é que somente na edição de dezembro de 1939

(disponível no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional) a revista passa a publicar textos também em português, tornando-se a partir de então bilíngue. Um dos fatores motivacionais para tal empreitada literária era o fato de que para os sírio-libaneses agora no Brasil, a renovação da língua, que eles não ousavam fazer em sua terra de origem, em virtude de fortes tradições, já havia sido feito há quase cinco séculos na Andaluzia⁵. Considerando assim que estavam agora em um ambiente semelhante, no seio de um povo que provinha das mesmas terras, essa experiência deveria ser renovada através da literatura, com um pé no modernismo outro nas próprias raízes. É inegável que os árabes que dele participaram tenham sentido a necessidade de transpor o espírito do movimento para nova comunidade e que se tornara numerosa e bem estruturada. O movimento foi tanto mais natural quanto as traduções de obras árabes para o português. Os primeiros escreveram em árabe, outros como Mussam Kuraiem, em árabe e português na revista *Al Chark-Oriente*, fundada em 1927, bilíngue, e seus descendentes passam a escrever todos em português.

Segundo Safadi (1972), o sentido de liberdade foi levado tão ao pé da letra, que podemos encontrar até mesmo obras que mesclam com termos indígenas e africanos como no livro *As Aventuras de Finianos*, de Chuckri Al Khouri.

Retomando as análises mais ligadas a mídia impressa, percebemos que os jornais e revistas árabes foram criados por uma classe de profissionais liberais ligados às atividades jornalísticas, políticas e literárias antes da imigração. Sanches (2009) defende que tais profissionais, jovens intelectuais árabes oriundos de renomados centros de estudo, como a Universidade Americana de Beirute, pertenciam a uma classe cultural “distinta da maior parte dos demais imigrantes que chegaram ao país, e tendendo menos à mascateação e mais a criar jornais e fundar grupos associativos, movimentos literários” (2009:69). Para a pesquisadora, tais imigrantes cumpriam o papel de intelectuais da comunidade árabe no Brasil e viviam do seu trabalho como jornalistas, escritores e professores dos filhos da geração de migrantes que enriqueceram através do comércio.

Tal fato nos remete ao que Gramsci chamaria de “intelectuais orgânicos” pois

⁵ A região da Andaluzia, do árabe *AL Andalu* (atualmente território Espanha), durante quase oitocentos anos viveu sob domínio árabe (entre os séculos VII e final do século XIV). Este período foi marcado por uma grande prosperidade social e política onde diferentes culturas conviviam praticamente sem guerra. Durante estes séculos, a língua e a poesia árabes passaram a conhecer uma forte mutação e florescimento.

estes indivíduos exercem papéis de verdadeiros organizadores de uma cultura diaspórica que buscava estabelecer seu lugar ao sol dentro de uma nova cultura hegemônica na qual agora era parte. Nas palavras de Gramsci (2005), os intelectuais orgânicos têm como característica principal “a utilização de revistas e jornais como meios para organizar e difundir determinados tipos de cultura” (2005: 212).

Deste modo, observa-se que parte dos jornais e revistas funcionou como veículo de propaganda e relato da vida associativa de espaços de manutenção da sociabilidade hifenizada, tais quais o Clube Homs e o Clube Sírio Libanês, em São Paulo. Outros serviram como veículos de propaganda e informação numa espécie de marketing de conteúdo étnico de estabelecimentos comerciais. É o caso dos boletins da tipografia Al-Funun e da livraria Farah, também em São Paulo, reforçando assim que a rede desta nova cultura diaspórica cada vez mais se inseria na vida cotidiana brasileira. Em 1937, por exemplo, era fundada no Rio de Janeiro a Associação da Imprensa Libanesa, a primeira associação deste porte criada nas Américas.

Esta função de solidificar os laços presenciais-espaciais dada à imprensa já acontecia desde os primeiros momentos da chamada grande leva migratória no final do século XIX. Ao pesquisarmos os acervos da Biblioteca Nacional, por exemplo, nos deparamos com um dos primeiros periódicos bilíngues (árabe e português) publicados em território nacional, sob o título de *Al Ashmay*. Na primeira edição, datada de 1899, há um artigo em português, sem título, na terceira página do jornal ao qual podemos observar a explícita vontade dos recém-chegados sírio-libaneses de serem aceitos, incluídos e acima de tudo percebidos como uma nova comunidade. Há ali, neste emblemático texto, uma tentativa de desmitificar o imigrante, não como alguém que está vindo para incomodar, causar danos, problemas e somente trabalhar, mas sim ser percebido como um indivíduo social capaz de produzir intelectualmente, de exercer funções para muito além de trabalhos braçais no campo. Um esforço textual de combate à exclusão, de quebras de estereótipos. Percebemos também que de um lado há todo um exercício de aproximação, no entanto admite-se e assume-se também a diferença, de alguém que pertence a dois lugares distintos. Não há, em momento algum, uma negação da terra natal, mas sim a valorização da mesma, de forma nostálgica e saudosa.

Credita-se assim ao jornal impresso exercer uma certa função integradora, crê-se que através dele haveria uma maior aceitação e a conseqüente interação entre a

cultura sírio-libanesa e a brasileira. O jornal aqui pode ser visto como um manifesto à aproximação de duas culturas aparentemente distintas, uma espécie de “olhem para nós”, existimos, temos a nossa cultura, vejam como ela é rica, viemos aqui para trabalhar, para construir um novo país e mais do que tudo, somos capazes intelectualmente para tal. Aqui vale salientar também que os sírio-libaneses não era os únicos que estavam migrando para o Brasil no final do século XX. Como sabemos, outras comunidades migrantes, como italianos, alemães, japoneses etc. desembarcavam nos portos brasileiros e também criavam diversos tipos de mídias, incluindo as impressas, para o exercício de tal função.⁶ Tal fato reforça ainda mais a ideia destes jornais serviram como forma de legitimação de cada comunidade migrante.

Avançando assim na discussão, atentamos também para a relação política entre os imigrantes sírio-libaneses que aqui viviam, produziam os jornais e o contexto brasileiro da época. Ao analisarmos o levantamento feito por Safady, percebe-se um fato peculiar a ser destacado. No ano de 1941 vários periódicos encerraram suas atividades, principalmente os que já estavam há mais tempo sendo publicados, entre eles: *Fata Lubnán* (O Jovem do Líbano), em São Paulo, que durou 38 anos; o *Al-Adl* (A Justiça), do Rio de Janeiro, que ficou 40 anos em atividade; e *Ar-Rábiat* (A Liga), em São Paulo, veículo que publicava questões da Liga Patriótica Síria. Ao também atentarmos para o que estava acontecendo neste período, o motivo para tal fechamento torna-se claro: durante o Estado Novo, Vargas, em 1941 passa a banir a publicação de todos e quaisquer jornais em língua estrangeira. Segundo Lesser (2001) tal fato acontece paradoxalmente no exato momento em que os nacionalistas sírios estavam começando a acreditar no sucesso de sua luta pela independência em sua terra de origem. Aqui, no Brasil, os sírios tinham uma das bases de exílio com maior força intelectual. Praticamente todos os jornais eram também comercializados em diferentes países da América Latina e até mesmo Europa.

E nesta mesma época, como relata Safady, o Brasil era reconhecido no mundo árabe como *Terra da Promissão*, “por nele terem encontrado algo do que procuravam, e que em seu meio ambiente, sob domínio da Turquia, não lhes permitia obter” (1972:84). Esta projeção que se fazia às terras brasileiras pode ser constatada nos periódicos e

⁶ Para tal, ver o trabalho publicado por Camila Escudeiro sobre os Jornais de Imigrantes guardados na Biblioteca Nacional, de 2014.

alguns livros de imigrantes árabes. Não ao acaso, três anos após fechamento dos até então tradicionais periódicos, em 1944 o escritor Taufic Duon lança em São Paulo um estudo sobre imigração árabe no Brasil intitulado *A Imigração Sírio-Libanesa às Terras da Promissão*. Este é o primeiro trabalho produzido por um imigrante sírio-libanês totalmente em português e que buscou de fato elucidar sobre as questões históricas da diáspora árabe no Brasil. Pouca atenção é dada a este valioso documento que permite lúcidas compreensões sobre este importante período que, em última instância, reflete também na construção da sociedade brasileira. O livro é dividido em quatro capítulos, além de uma breve introdução sob o título “Fins, Modos e Meios”.

Após o fim do regime Vargas, em 1945, começam a ressurgir as publicações árabes entre eles o próprio Fata Lubnán, agora com o nome de Brasil-Líbano, já demonstrando aí o caráter discursivo da hifenização decorrente dos encontros culturais no mundo ocidental pós-industrial que passaria de vez a marcar as comunidades migrantes.

Outro importante periódico que volta a ser publicado no Brasil, mais precisamente no ano de 1947, após as drásticas medidas de Vargas, é o Al-Karmat, (A Vinha) impresso na cidade São Paulo. Esta publicação, que havia sido criada em 1914 por Saluá Salámi Atlas, é considerada a primeira publicação feminina árabe nas Américas, algo que por si só suscitaria análises mais atentas no campo de pesquisa de gêneros principalmente. Por hora, vale ressaltar que a sua fundadora falou pela primeira vez em prol dos direitos da mulher em 1889 na cidade de Jerusalém, tendo vindo para o Brasil logo em seguida por razões de perseguição à sua luta.

Conclusões parciais

Observamos assim, que esta empreitada intelectual se confrontava com a grande mídia totalizante e nacionalista que estava sendo instaurada. O mundo caminhava a passos rápidos para total mercantilização dos processos midiáticos, ancorada no *modus operandi* norte-americano, nas ideias basilares de estado-nação mas também na mundialização como espírito presente.

Argumentaremos assim, que a partir dos dados colhidos, podemos classificar a imprensa árabe migrante como um empreendimento eminentemente comunitário

alternativo. Tal fato dá-se pela utilização de estratégias de intervenção nas paisagens midiáticas local, nacional e global, desde a presença e visibilidade na grande mídia até a produção de sua própria mídia comunitária (ElHajji, 2011).

No entanto, acrescentaremos que o papel da imprensa migrante árabe no início do século por vezes extrapola o quadro teórico que a caracteriza como meramente comunitária. Esse “a mais”, diz respeito à constituição de uma espécie de esfera pública transnacional, na qual a imprensa sírio-libanesa de migração funcionou como platô de polarização política e organização partidária nas lutas pela libertação nacional nos países da região do Levante em constante diálogo com o contexto sociocultural brasileiro.

Referências

- AMORIM, Nayara. A Integração dos imigrantes sírios e libaneses no cenário urbano brasileiro. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) UFU, 2010.
- COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed & HUERTAS, Amparo (eds.): *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre ideias e formas*. 2.ed. DP & A. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. *O Leitor de Gramsci. Escritos Escolhidos. 1916-1935. Civilização Brasileira*. São Paulo, 2007.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- KARAM, John Tofik. *Um Outro Arabesco. Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal*. Ediora Martins. São Paulo, 2009.
- KHATLAB, Roberto. *Brasil-Líbano: A amizade que desafia a distância*. Bauru-SP, EDUSC, 1999.
- LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo. Editora da UNESP, 2001.
- SAFADY, Jorge. *A Imigração Árabe no Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1972.

SAID, Edward. W. O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente. Companhia de Bolso, São Paulo, 2013.

SANCHES, Marcela. Nova Andaluzia : a memória da intelectualidade árabe no Brasil. Orientador: Francisco Ramos de Faria. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SAYD, Abmalek. Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo, EDUSP, 1998.

SHEHI, Stephen. Foundations of Modern Arab Identity. Florida: University Press of Florida, 2004.

TRUZZI, Oswaldo. Sírios e Libaneses: Narrativas de história e cultura

_____. Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo. Ed. Unesp, 2008.

ZEGHIDOUR, Slimane. A Poesia Árabe Moderna e o Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.